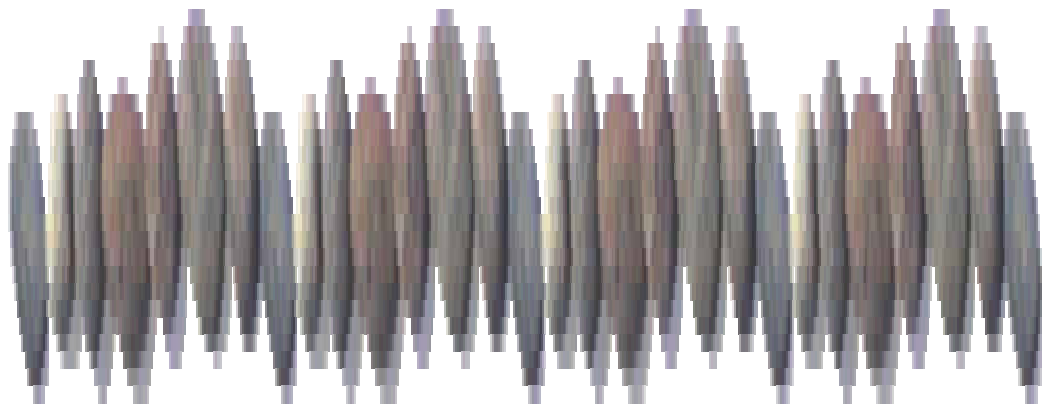


Salomão Rovedo



Porca Elegia

(poesia)

1987

As pobres elegias:

Elegia de junho, 14, 1972, pg. 3
A moça morta na calçada, pg. 4
Porca elegia, pg. 6
Elegia urbana, pg. 8
Elegia para a velha lua, pg. 10
Elegia tristíssima para *Sete Quedas*, pg. 11
Elegia da feira de São Cristóvão, pg. 12
Elegia dos noturnos dolentes, pg. 15
Elegia de angra dos reis, pg. 16
Nênia pro irmão Benjamim, pg. 18
Elegia do poeta Drummond de Andrade, pg. 20
Nênia do índio, pg. 24
... e do dia esquecido, pg. 26
Ditirambo de Marisa & Geraldo Alverga, pg. 28
Elegia da presença tua, pg. 30

RECEITA PARA LER POESIA

De como te ter, poesia,
sem abstinência ou alergia:

Compre o(s) livro(s)
Compre o(s) poeta(s)
Leve-os e lave-os

O(s) livro(s) e o(s) Poeta(s)

Leia e goste
Leia e ame
Leia e goze
Leia e guarde

Coma o(s) verso(s)
Ame o(s) poema(s)
Goze o(s) poeta(s)

O(s) texto(s) e seu(s) mistério(s)

Guarde e leia
Ame e leia
Goste e leia
Goze e leia

Eis como ter poesia
sem flatulência ou azia

Eis como ler poesia
sem abstinência ou alergia.

ELEGIA DE JUNHO, 14, 1972

(Os jornais noticiam a morte de Leila Diniz, em acidente aéreo na Índia).

Ninguém morreu, gente, foi apenas a Estrela que voltou ao céu,
escolhendo o mais curto caminho, entremeado de alucinações nítidas,
coalhado de gente perdida, fora de rumo.

Foi apenas a Estrela ambulante que majestosamente se elevou,
depois de tentar exemplar o Mundo em diversos afazeres:
MundoBrasil, MundoRio, Mundolpanema.

Apenas luz longínqua que, chegada, se transformou
em Sol, nesse nunca apagar de Estrela eternizada.

Como apareceu de repente, de repente criou fama, deitou cama,
matou lei, correu fantasmas, varou estradas, amou reis.

A Estrela adivinhou mapas, fez profecias no Mundo não real:
só teve palavras de paz, de amor, quando por bem resolveu falar – falou!

Assim, vivendo em rompante santo, quase cansada de um mundo *não seu*,
forças abaladas, braços, corpos, pernas doloridas, sentidas, resolveu:
é tempo de pegar poeira, tomar rumo.

E assim foi e assim se fez: amou e deixou-nos Janaína
e amou de novo e de novo e se deixou.

Antes mesmo que alguém percebesse o que a Estrela pretendia o Destino se fez.

Muito antes mesmo que a gente dedicasse o merecido amor,
ciscou rápida como avião (supersônico), longe do Brasil, longe do seu céu,
longe dos amores e dos amados (decerto a evitar toda as toneladas de mágoa
que iria deixar presente), soltou-se em cinzas sobre a terra santa indiana.

Ficou dito que as deusas só podem encantar nos lugares santos, nas terras dos
deuses.

Logo na Índia de todos os deuses, abandonar terreno lugar e se fazer retornar
– puro estado de luz – para o seu cantinho, os mundos perto-distantes...

Entre marcas da paisagem fulgurante, a Estrela deixa caudal de cometa,
de bólido, calor de sol, mais sol, luar de luas, luas de esperanças plantadas
no futuro: Janaína, que ninguém ouse esquecer.

[14/06/1972]

A MOÇA MORTA NA CALÇADA

A moça morta na calçada, todos sabem, desalmada se atirou, voou desamada ou escapuliu sem amor pela janela escancarada, numa manhã de sol.

A moça morta na calçada, ninguém viu, se limpava a janela, se arrumava a cortina que esvoaçava ao vento (ou o corpo, no atrevido gesto?)

A moça morta na calçada, num Domingo de verão, não teve escrúpulos em eleger o dia, porque falou mais alto o desespero, a solidão, o coração...

A moça morta na calçada reflete fielmente a angústia e o pavor que invadiram a cidade de ponta a ponta, intrometendo-se nas casas, de teto a teto, no interior dos seres, de parede a parede, nas vias e cidades, de mundo a mundo.

A moça morta na calçada, estendida languidamente, não entreviu além, na praça ajardinada, os brinquedos infantis, as crianças paralisadas subitamente, a expressão facial de susto, o movimento corporal estático, perplexas, incoseqüente de tudo o que significa a tentação humana, admirando o novo corpo que sem asas se eleva e voa...

A moça morta na calçada se despiu da roupagem humana e flutuou eterizada no espaço do 10º andar da existência, percorrendo o longo-curto caminho em segundos, milionésima fração de tempo, para ultrapassar as barreiras supérfluas de um estado corporal a outro.

A moça morta na calçada, desfigurada, teve o bom senso de esconder sob o ensangüentado corpo a face despedaçada, os braços flácidos de fantoche.

A moça morta na calçada, os rostos impassíveis dos passantes, a técnica fria e calculista da perícia policial, a presença ingênua da infância, a gelada participação do bloco de concreto e cimento de dez andares, as árvores e os jardins floridos, o sol e o dia de verão, quente, a moça morta na calçada...

A moça morta na calçada, num Domingo de verão, logo juntou gente interessada em saber como as coisas ocorreram, bombeiros, vizinhos, porteiros, jornalista,

polícia, passante, padeiro, motorista, feirante.

A moça morta na calçada teve o corpo, já sem alma,
coberto com a anônima alvura do lençol,
o próprio lençol que a cobrira à noite da brisa fresca
da madrugada, agora estirado sobre o fardo inerte,
logo se transformou em mortalha.

A moça morta na calçada, em dia de jogo de futebol,
deixou desinteresse pela razão sentimental, estando
o motivo tecnicamente explicado pelo perito policial.

A moça morta na calçada, amanhã de manhã,
antes do esquecimento tumular, definitivo e total,
será manchete em algum canto de página do jornal
sensacionalista, ávido por notas trágicas.

A moça morta na calçada – Foi por amor? Foi por saudade?
Foi por loucura? – no dia 3 de dezembro, se atira do 10º andar
de um prédio em Copacabana.

[03/12/1972]

PORCA ELEGIA

(Corpos abandonados, perfurados de mil balas, em locais ermos, ruelas, vielas, lamaçais, cemitérios clandestinos. Como símbolo, a bandeira pirata: caveira e tíbias cruzadas – a Morte. Mesmo assim, perfurados e marginais, a terra acolheu os estilhaços, deu guarida aos descarnados restos – sobra de corpos sem alma – e preencheu os buracos com raízes, veias, limo e seiva).

Saí por aí, pelas ruas e estradas, pelos lares e calçadas, primeiro só, depois outro e mais mil, ressuscitando cadáveres, curando leprosos, cães raivosos, gente sã.

Curando veias esburacadas, esquinas mal assombradas, até caveiras e fêmures cruzados curamos.

Mesmo aonde tudo houvesse retornado ao pó, mesmo aonde tivesse apenas sobro e hálito apenas, fomos restituindo vida às formas primitivas, ignorando a pedra e o espinho, as armas e as balas, ignorando os socos e bofetões e pontapés, nada, nada nos deteve: cadáveres manietados, corpos sofridos, torturados, deixados sozinho ou em grupo – o símbolo não satisfaz – couros humanos esburacados, vinde a nós!

Mostramos novo rumo a seguir, caminhos a trilhar, novas trilhas espirituais, cemitérios clandestinos.

Desembaraçamos as carnes laceradas, os arames, farpados ou não, desatamos as cordas das pernas, dos pulsos, tratamos com carinho e afeto as marcas.

A cicatriz ficará como lembrança de ferocidade.

Os emblemas, cartazes, dizeres, acompanham, anunciam, denunciam – o sofrimento: serão todos debelados, cores tintas e letras, jamais serão repetidas.

Os feitos pela vivência, a luta pela sobrevivência, marginal ou vingativa, serão respeitados... Dos jornais passarão à boca do povo, não como heróis, que heróico é sobreviver, mas como exemplo da (in)justiça enviesada, que perambula por trilhos errados.

Continuaremos a sina salvadora, enfrentando o desapego do homem pelo homem, do homem pela mulher e da mulher pelo homem, do homem pela criança e da criança pela mulher, da mulher pela

mulher e da mulher pelo idoso, do velho pela gente,
do povo pelo velho, dos deuses pelo homem e do homem por Deus.

Curar os sãos de corpo e alma, que algum mal guardam no dentro mais profundo.

Sarar os que querem salvar o Mundo, matando a fome, erguendo a vida.

Entortar os mais que retos, que eretos pisam a todos, descuidados.

Endireitar os muito tortos, por má intenção e vigília.

Salvar o pai, a mãe e filha, o filho, sobrinho e neto, pois como família
e como tribo do Mundo, pode juntar-se a todas as tribos, desfazendo,
com gesto e calma, a Babel das línguas.

Salvar o amigo, o interesse, o inimigo desinteressado.

Salvar o amor, o gesto, o ódio, o afeto. *SALVAR O FETO!*

[27/08/1974]

ELEGIA URBANA

Na cidade grande fuja da poluição ambiental.
Na cidade grande dê uma mirada à pessoa ao lado.

A sala de trabalho do escritório não é apenas
cemitério de máquinas, computadores, calculadoras,
lápiz, canetas, papéis, assinaturas, rubricas e uma mesa de aço
ou de madeira, cadeiras, poltronas – e só.

– Não é apenas...

Na cidade grande fale com quem está mudo de dor.
Na cidade grande fuja das máquinas, motores, computadores.

O local de trabalho não é apenas arquivos de aço
ou files eletrônicos, que se renovam anualmente,
nem ponto de reuniões trágicas, frias, nem sequer
um lugar onde transitar, enquanto a vida passa.

– Não é não...

Na cidade grande dê esmola e comida a quem necessita.
Na cidade grande considere a todos como meio irmãos.

O ambiente de trabalho não é apenas local de colocar o calendário,
o quadro de avisos, de receber clientes e tratar de assuntos
frigoríficos ou largar o paletó no encosto da cadeira,
enquanto a vida escoia nas folhas soltas das agendas sem notas.

– Pode crer que não é...

Na cidade grande ajude a quem pede socorro. Socorro!
Na cidade grande seja compreensível com o ódio e a guerra.

Atrás de toda essa ópera cotidiana, os corações solidários
latejam pulsando ante o menor sinal de emoção e gritam,
mas não levam a vida desesperançada, fria, sem desfrutes.
ainda que seja um mero gol ou um parabéns a você.

– Não sabe?

Na cidade grande conquiste grandes e eternas amizades.
Na cidade grande torne a vida mais amena do que a pedra.

Do 20º andar dê uma olhada para baixo e sinta o fragor
de ter a seus pés milhares de pessoas
que se movem como formigas laboriosas para lá e para cá,

em diuturno e árduo trabalho de formigas no formigueiro.
– Há muito mais...

Na cidade grande dê água e cerveja a quem tem sede.
Na cidade grande dê a mão a quem pede e um abraço.

Olhe para mais além e sinta a alma fluir com as rodas
dos carros velozes transportando pessoas e objetos e almas,
mudando tudo na vida, livrando todos da morte e se morrendo,
transformando quem dirige num ser estranho, alienado,
que se deixa dominar pela máquina e foge e corre e foge e morre.

– Algo mais que amor...

Na cidade grande não negue o beijo, a carícia, o afeto.
Na cidade grande goze grandes e destemidos amores.

[04/08/1982]

ELEGIA PARA A VELHA LUA

Lua, mágica Lua, passeia tua eterna majestade pelo céu com luxuriante luminescência.

Com esplendoroso fulgor e sem mácula, velha Lua, transfigura a vida das almas mal amadas cá embaixo.

Velha e desprezada Lua, à tua pálida e marmórea lunação, nem mais os míticos namorados prestam reverência. Tua misteriosa feitiçaria, velha Lua, vara a névoa solar e terrena, perturba os malditos, transitórios habitantes da Terra.

Mágica e mecânica Lua, estrela cujas crateras lúgubres, de cemitério, tão próximas e tão distantes, ainda desconcertam astrônomos, cientistas, astrólogos, com melodioso silêncio. Tua magia mestra, velha Lua branca, milagrosa, ainda hoje transtorna o espírito revelado das cartomantes e metafísicos por igual.

Velha Lua, a constante metamorfose do lunar espaço, transforma entes pequeninos em microcosmo de metrópole. Por isso, velha Lua, repete o milagre da lunação sideral, te faz luminosa, em milissegundos mexe com os homens, revolta mares, explode vulcões, provoca furacões, tormentos, maremotos...

Teu macrocosmo lunissolar, velha Lua, associado a todos os sóis e galáxias, transmite hipnótica música aos contemplativos médiuns terrenos.

Tua explosão de luz lunicular é tão miraculosa, velha Lua, que provoca mexericos, miocardias, a lunáticos multívagos, a lunautas mutantes. Lua, velha e harmoniosa Lua, assiste impávida às guerras e desastres, que tanto machucam o âmago da Terra, quanto o coração do homem. Vovó Lua, que sofreu serenatas, ouviu cantares, rezas, sacrifícios, provocou suicídios, cantada em verso e prosa por poetas, músicos, cantores, aventou superstições, criou estigmas e boatos.

Passeia, mágica e veterana Lua, tua bilionária majestade por nosso céu, serve de estímulo às plantas que nos enfeitam e alimentam, às nossas mulheres, que criam e procriam mais e melhor sob a luz tua – mais de uma vez abençoa os pobres humanos com esta luxuriante luminescência.

[13/08/1982]

ELEGIA TRISTÍSSIMA PARA SETE QUEDAS

Pergunto, bela paisagem,
Que faz tremer os pés humanos, que extasia todos
os olhares, que respeito impõe a todos os viventes.

Pergunto, magnífica paisagem,
Que há milênios nasceu ao fender-se a terra,
que se fez beleza da violência natural,
que linda demais faz a paisagem ao seu redor.

Pergunto, sóbria paisagem,
Que alimenta corpo e alma dos que vivem à tua volta,
que dá fartura de víveres aos organismos viventes,
que dá fartura de beleza e sabedoria para a mente.

Pergunto, santa paisagem, brasileira,
Que não pertence ao homem nem ao governo,
que pertence, não a uma época ou tempo,
que não pertence a um dono ou posseiro,
que de ninguém e de todos é propriedade.

Pergunto, mágica paisagem,
Que se fez imorredoura a quem conheceu,
que inspirou o homem por milênios,
que eras o símbolo dos países às tuas margens,
que sempre foi emblema de paz.

Pergunto, milagrosa paisagem,
Que finalmente sucumbe à humana loucura,
que enfim é vista somente em ilusória estatística,
números e cálculos, que terá como túmulo a água que compõe tua beleza.

Pergunto, linda paisagem,
Que jamais se curvou ante coisa mortal ou perene,
que viaja mundo através de álbuns e postais,
que ruge estrondosas mensagens de amor,
que anuncia com cor e luz a fulgurante presença.

Pergunto, triste paisagem,
Quem ousa destruir o que a Natureza demorou milênios para fazer?
Quem ousa deter a corredeira livre de tuas águas?
Quem ousa enterrar a beleza turbulenta da tua plástica?
Quem ousa bloquear para sempre o fluido de Deus
com máquina e cimento?

Pergunto, morta paisagem – Um João-Ninguém?
[03/09/1982]

ELEGIA DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO

Eles aparecem nas manhãs de sábado,
nas poeirentas e quentes manhãs e ao som do xaxado
e do repente, ao som dos mascates que curam tudo,
violam as cordas do coração dolente, apaziguam a vida
pela morte burocrática.

Aonde forem, seus nomes estarão escritos
nos rótulos de cerveja e de cachaça.

Ela é fada aos sábados e domingos, de segunda
a sexta-feira é fera enjaulada, de laboratório.
Antes da meia-noite, parte e deixa a sandália no chão,
sem aparecer jamais para recuperá-la.

Ele é mago aos sábados e domingos e quando a Feira
acaba recolhe-se em fumaça numa garrafa,
até o novo amor tirar a rolha e libertá-lo para a vida.

Eles violam a fragilidade, guardada como jóia numa
redoma e violam a paixão retida em gaiolas.
Eles são *uno*, são outros, feitos de uma só vida – um só
fragmento – uma louca e desesperada paixão de um dia
de liberdade. Eles são múltiplos, são únicos.

Uma afinação de viola, cordas esticadas...

Entre Achados & Perdidos extraviou-se
um coração verde, com artérias esmaecidas pelo tempo
e aortas azuis com embolia, dia sábado ou domingo,
na Feira de São Cristóvão. Gratifica-se com um fígado
estropiado quem encontrar o coração.
Informações pelo telefone 21-2201-2604.

A Feira nasce sábado, corações morrem no domingo.

[Versão 1] Nunca pensei que teus olhos, cor de fundo
de garrafa, fossem capazes de atropelar este meu olhar
tão opaco, tão à superfície entregue.
Nunca pensei que tua boca, gostosa, sabor de vento
e poeira, fosse grudar nos meus lábios de fel.
Nunca pensei que teu corpo, luz de luar sem nuvem,
fosse agarrar-se ao meu, macilento em forma de argila.
(Hoje, carregando meu corpo suado, sentindo o hálito
de cerveja a perfumar a nuca, ela caminha a esmo).

As caixas de som estremecem, tremem as almas.

[Versão 2] Eles não imaginariam que seus olhos,
cor de fundo de garrafa, seriam capazes de agarrar-se
a um vítreo olhar, tão à superfície.

Nunca imaginariam que as bocas, sabor de pó
e de vento, haveriam de se grudar a lábios de fel.

Jamais imaginariam que os corpos, maciez de luar
sem nuvem, fossem capazes de amalgamar-se,
tal formas de argila.

Como castigo, hoje eles caminham a esmo,
carregando-se – gêmeos siameses, trocando entre si
hálito de cerveja, seiva, saliva umedecer-lhes as nuças.

No calor do verão é o suor que aponta a emoção.

Eles carregam a paixão, enquanto a alma repousa ,
serena e impune, sem pecado: luz radiosa, luminoso
cometa, luminescente fogueira, lúcido espírito, lúdico
sentido, lua fagueira, lume de vida, lúcido porvir,
luzida paixão, luxuriante amor – qual dinamite
que arrebenta o peito e fragmenta o mínimo viver.

Um som de viola ainda se ouve ao longe...

Pedacos de madeira, panos, papéis, sobra de comida,
de água, lixo em redor, cheiro de urina – e os últimos
goles de cachaça – e os últimos copos de cerveja.
Ao derredor as barracas desmontadas assemelham-se
campo de guerra abandonado: enfermeiras, freiras,
vendedores, ambulantes, carregam os cadáveres,
trastes recuperáveis, para uso em ferro-velho.

Ilusões que nascem e morrem...

Homens bêbados, amantes e cadáveres retirados,
retirantes – um a um seguem para seus cantos, onde,
nos dias seguintes, se encontrarão face a face com
a realidade crua, travestidos em novos e reais seres.

Um som de viola desmaia ao longe...

No chão, um homem dorme.

Entre um forró e outro Caetano Veloso, cruz credo,
arrenego, se penitencia a São Paulo, por ter chamado
de chata essa cidade chata.

Lá adiante a cidade principia a alumiar-se.

Letícias, mulheres caminham, amadas.

Os ônibus passam chorando. O dia vai se apagando,
vai se sumindo o som, os nomes vão se apagando,

vai se apagando a magia.
Olhares ainda se namoram, ainda acendem desejos.

Uma esperança no chão, pisada, empoeirada...

A gema de ovo partida escorre sobre o pão,
a garrafa de cerveja derrama uma lágrima,
soa uma canção de amor, ecoa um silêncio enamorado,
explode no peito a ilusão. Os corpos suados se juntam,
epiderme de lesma, gosmenta, se esfregam as pernas,
centopéia ou octópodes, se beijam as bocas molhadas,
monstruosos tentáculos, pesadelos, sonhos, exageros...

Na Feira de São Cristóvão tudo isso aconteceu:
o sol se pôs ou nasceu, amantes a sós caminhavam...

Se namoram, agarrados, acendem desejos...
Uma esperança pisada, empoeirada, estremece quase
morta ao som de uma viola, que ressoa plangente,
ao longe, ao longe (ou foi o derrapar do pneu do
ônibus?). Ilusão que morre. Agüenta a barra, coração!
(tudo isso aconteceu na Feira de São Cristóvão).

[10/07/1983]

ELEGIA DOS NOTURNOS DOLENTES

1) Ei Chopin! Afasta o teu elétrico piano daqui:
conta-me como é a paixão, como e para quê servem
as emoções, essas tais que vêm não se sabe donde...
Pára com tantas gotas, pára com tantas lágrimas
de sangue e suor.

– Pára com esse amor!

2) Esse tom, que vara a noite espessa, não é das teclas
do piano: é açoite que fustiga, é lâmina que decepa,
é bala que fura, é adaga que irrompe, é dor que castiga.

3) Quando ainda resta um último acorde ecoando
na sala vazia (e segue janela afora), há quem suspeite
que são lágrimas de chuva as gotículas de som
– não apenas notas musicais – vagas notas musicais,
irmanadas numa época, para uma época feitas!

4) Não fosse o piano, Chopin, serias espadachim...

5) Dedos que vagam, que vagueiam controlados
pela mente ágil, que controla os instintos mecânicos,
que enganam os controles mágicos que movimentam
os dedos que vagueiam/vagam pelas alvinegras teclas,
emitindo rubros semitons arrastando pés enfeitiçados,
a impulsionar os pedais, controlados pela mente, etcétera e tais...

6) Sobejo de vida, resto de emoção, sobra da paixão,
abismo de sentimento, força do sentido, cor da tensão – esse tem som, Chopin!

7) O silêncio não absoluto (mas quase), que se ouve
à noite, certamente trespassa o espaço sideral.
Ó silêncio – e só tu, ó silêncio – podes emoldurar cada quadro
que surge emocionado, do conjunto de notas diversas, dispersas no teclado.
Quando dedos febris dançam juntos um movimento
de ondas do mar, bravio mar, que termina abruptamente,
sente-se honras e glórias, um sepultamento digno
do silêncio – do silêncio absoluto que nos cerca.

... E DO PRELÚDIO ÁSPERO

Tijolo de construção, míssil, lava de vulcão: eis o que é o piano...
Eis para que servem as mãos, que apedrejam teclas, vítreas,
marmóreas, graníticas, desde onde o acero som brota
– e o próprio cristal estilhaça!
[11/07/1983]

ELEGIA DE ANGRA DOS REIS

UM

Quase cigano errante (ou trovador doutras eras),
esbarrei nas tuas ruas (não nas praias desertas),
entrechoquei-me, Angra, com tua gente, inda simples
no olhar, como as ruas, como as casas dessaboradas
que contam histórias do distante/próximo mar.

Angra dos Reis, de hoje, pesa o temor, quantifica
o terror do perigo atômico que foi plantado nas praias,
mas não abate a luta nem desanima o amor das ninfas,
náiades que recebem de braços abertos os abraços
dos piratas que aí aportam a cada fim de ano.

Têm as ruas de pedras corroídas, que percorri a esmo,
o tocar do mar nos barcos atracados, têm a música
e o lamento do pescador.

Foi também lá que descortinei a crise pessoal,
que os miradores desabafam no cais, olhares miúdos,
fitando a distância, estirando a vista na água mansa
que se perde no infinito, como que pedindo ao mar
que engula e devore os fantasmas.
Dando as costas à angra, outra Angra se vê,
que cresce espaiada, mas para os montes verdes,
desejando dividir com o transeunte, a paz das ruas,
das calçadas, dos becos, a paz que a cidade transmite.

DOIS

Angra dos Reis, eis o segredo – tuas grutas,
teus cantos, teus cantares...

Mistério maior, ó Angra, porém são as náiades
e ninfas que aos milhares borbulham sobre as velhas
pedrarias, as que flutuam nas calçadas rachadas
pelo tempo, as que vagam pelos ares misteriosos,
anjos de amor, mal nascidas mas bem queridas,
amadas ninfetas que brotam em Angra.

Velha ao nascer, elejo-te hoje a terra das sereias,
que ao longo da História do Rio de Janeiro encantaram
com mavioso vocal os aventureiros, que ousaram
penetrar em tuas terras, desenterrar os tesouros
escondidos em tuas ilhas, baías, restingas, angras.

TRÊS

Também mirei, Angra dos Reis, teus barcos pesqueiros ancorados, de nomes sonhadores e poéticos, pedindo milagres. *Cálix Bento, Pai e Filho, Sublime Esperança, Pai Herói, Doce Angra* e tantos tais, que todas as manhãs chegam cansados da doce aventura da pesca noturna e desmaiam no cais.

Chegam hoje, não mais com aquela euforia daquelas grandes pescarias dos homens de Deus, farta, bíblica – hoje é minguada a colheita: que o mar não quer negar, mas a tecnologia dos grandes barcos pescadores, que extingue o reduto grande e natural da pesca do artesanato do mar – o Pedro de Deus.

O velho pescador, de cabeça alva como o cocuruto dos montes nevados, tez enrugada de constante mirar o horizonte infinito que o diga: ele – e só ele, mais ninguém – tem contas reais, imaginárias lendas, bíblicas narrativas, histórias das farturas medievais, dos segredos e mistérios indestrutíveis, herança perene, guardados, baús, das famílias do pescador. E aqui pergunto, e aqui interrogo: onde está o coletor de tão abundante safra?

Teus pescadores, Angra dos Reis, eu vi, eu sei, não mais sonham com as sereias.

E para quê?

Se tuas ruas repletas de sonhos e fadas de corpo inteiro, as prometidas ninfetas de canto mavioso e olhar tentador, convidativo, para quê, se são elas a própria deidade sobre-humana?

[17/08/1983]

NÊNIA PRO IRMÃO BENJAMIM

(Benjamim Moloise, poeta negro condenado por atividade libertária e enforcado pelo governo racista da África do Sul, em 18/10/1985)

Eis-me aqui, irmão Benjamim,
bem distante do teu materno regaço,
a soluçar ao ouvir o lúgubre gemido das carpideiras.

(Porque somos desvairados e loucos [nós os poetas],
não hesitamos usar a poesia e dar a vida para bater
a fome, a sede de Liberdade.)

Eis-me aqui nesta distante constelação, impotente,
irmão Benjamim, paraíso onde a negritude comete
desigual luta e hoje.

Este coração menos branco de revolta se inflama,
de negro se enluta, porque agasalha a alma de poeta,
imperfeita, maciça, de ébano, de fogo, de marfim.

Poeta foi Deus, irmão Benjamim, poeta o Seu filho
bem amado Jesus, poeta e profeta foi Maomé,
poeta foi Buda e os santos Sufis, poeta Ho-Chi-Min,
poeta Mao Tsé Tung, poeta foi Ernesto *Che* Guevara.

Eis-me aqui, irmão Benjamim, longe das abertas
fronteiras, sempre disposto a empunhar a palavra
gélida feito aço, fazê-la raio, míssil, trovão.

E morrem todos os poetas na areia da praia,
morrem na forca, morre poeta na cruz,
poetas que foram Samir Al Kassim,
poeta como tu, irmão Benjamim.

Eis-me aqui, irmão Benjamim, já sem cor,
sem credo, sem nome, tentando inutilmente
entender por quê morrem os poetas.

Castro Alves, Frederico Garcia Lorca,
Leopold Senghor, Ernesto Cardenal,
poeta Martin Luther King, Victor Jara

– morrem os poetas no terror, fuzilados,
eis-me aqui, irmão Benjamim,
cantando os irmãos poetas torturados.

Destino de poeta é semear o vento,
lavar o espaço, bramir no deserto,
irmão Benjamim,
destino de poeta é gritar alto o clamor
da desigualdade, gritar bem alto que a
Liberdade somos nós.

Eis aqui, irmão Benjamim, a sonhar
o sonho colorido – que promete a mesma
e desesperada Liberdade
– que nos faz crer tê-la, plena, total,
em êxtase inda que não venha hoje
ao pôr do sol deste triste dia.

[18/10/1985]

ELEGIA DO CARLOS DRUMMOND

1 – O ENCONTRO

12/07/1983, 80º Aniversário de Orígenes Lessa.

A festa foi oferecida pelos amigos da Casa de Rui Barbosa, Rua São Clemente, Botafogo.

O romancista de *Rua do Sol* muitas vezes devotou-se a descobrir os segredos da poesia popular, da literatura de cordel, que amava com carinho e publicou alguns volumes a respeito.

Assim fez amizade, entrevistou, conviveu com os vários poetas populares nordestinos de então e levou Carlos Drummond de Andrade ao mesmo destino curioso.

Esse conhecimento rendeu um poema de Carlos Drummond de Andrade em formato de cordel (João & Maria).

O poeta, amicíssimo do aniversariante, não poderia deixar de comparecer.

E em torno de Orígenes (exigia dos poetas populares que o chamassem assim), xilogravadores, poetas populares e de bancada, violeiros, cantadores, teceram loas rimadas ao velho oitentão, de quem tanto gostam.

Naquele momento a festa perdeu o caráter, as liturgias de alta intelectualidade: colegas, tratavam-se pelo primeiro nome.

Os poetas de cordel reluziam entre as estrelas, a festa ficou animada, o cruzamento entre classes de letras tão díspares enfeitou a festa de Orígenes e estreitou a palavra – ele era todo sorriso.

Cumprimentos amigos, abraços, apertos de mão e para os poetas, violeiros, cantadores, tapinha nas costas e uma batidinha de limão.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, assinalou o dia em crônica no Jornal do Brasil, reproduziu a festa, os versos de cordel, o alarido que os poetas populares provocaram

na simplicidade da cantoria e exagero do gesto.

Poetas populares, violeiros, repentistas,
reluziram na poesia e na literatura brasileira.

2 – O POETA DÁ ENTREVISTA

Esse semblante garoto,
esse riso bem maroto,
que em leve contato esboça
para a câmara reluzida,
é um jeito bem garoto
ou um semblante pensado
de quem, os anos passando,
jamais se afasta da vida?

(Na foto em preto-e-branco, sagazes olhinhos,
emoldurados pelo aro escuro, sequiosos de aventuras...)

Um braço repousa sobre o outro,
um relógio de pulso inútil,
um meditar perdido no tempo...

Retrato 3x4 de toda uma vida,
inteiriça, vida regada, úmida,
fértil, de quem se deixou ir pelas ruas,
nas suas pegadas marcantes, no sonho,
o Carlitos da poesia, trágico e cômico...

Carlos Drummond de Andrade, o nome,
não serve ao dodecafônico verso alexandrino-
modernista (talvez às sextilhas do Frei Antão
do mestre Gonçalves Dias ou às Aventuras
de Cancão de Fogo dos colegas poetas
de cordel ou, até, às décimas populares
dos *payadores*, hermanos em rima e som).

Não um retrato 3x4 somente
– uma vida, toda uma vida!

3 – NA FORÇA DO TEMPO

Resistente como um monumento
que dita a sombra do passado.

Talvez devesse dizer:
“Como um secular carvalho”,
mas nunca tinha visto

um carvalho de cem anos.

Depois conheci na Espanha
alguns *robles* assim:
velhos enrugados pelo tempo,
disfarçados entre outras árvores.

Não me pareceram tão mais
nobres quanto o Poeta.

Isso o faz importante ao nosso tempo,
aos olhos, à nossa poesia.

Ademais de ser excelente poeta
é nobre – não quis entrar para Academia.

Estupenda e insuspeita qualidade!

(em mim veio repentina
a idéia que ele se parece
mesmo é com o *pau d'arco*.)

[27/06/1987]

4 – O BILHETE

Recebi há tanto tempo
um cartão pessoal,
com breves e gentis palavras
sobre alguns poemas.

(O Brasil todo está possuído
da palavra amena do poeta)

Ora vale muito, ora quase nada...

Depende da maioria do poeta.

Ou da minoridade – sei lá!

5 – O DESENCONTRO

Passou com passos medidos,
mini apressados,
cabisbaixo em sua timidez,
não querendo ser reconhecido.

Embutido em pensamentos,

recheado de poesia,
seguiu rumo ao antigo
Palácio da Justiça.

Ele e o edifício irmãos parecem:
colunas imponentes,
obras de Portinari, estetas.

Pensei cá comigo: Lá vai o poeta.
Muitas vezes repetiu este mesmo itinerário.
Quantas vezes foi funcionário público,
assinar o ponto, secretariar o Ministro?

Tentou-me interromper a caminhada:
– Como vai, poeta?
Em cumprimentá-lo pensei.
Que heresia! Íamos em direções opostas!

Enfim nos cruzamos no silêncio
anônimo dos tempos modernos.

Um – O Poeta!
Outro – um meio-poeta quase.

6 – O OLHAR

O olhar do poeta parece atravessar
todos os tempos e todas as idades.

Como o olhar daquele super herói
das histórias de quadrinhos
– *Super Man* – que tem visão de Raio-X.

Seu olhar parece varar o cosmo,
a eternidade e alhures:
olhar de marujo de gôndola.

Como o olhar do super monstro,
as figuras assombrosas
dos filmes de ficção estelar
– que têm visão de Raio Laser.

[Junho/1987]

NÊNIA DO ÍNDIO

1 – O ÍNDIO JOSIAS NA TV

Quem vê o índio Josias, no filme de TV,
comendo como um porco e bebendo cachaça,
jamais imaginará que tem linhagem ancestral
que remonta ao Grande Cacique da nação Kunharã.

(É bem certo que a Grande Nação, à beira da extinção,
se limita agora a trezentos índios gripados, dizimados,
abandonados pelos deuses das matas
e convertidos ao cristianismo, subjugados pelo cristão...)

Arriado pelas esquinas da cidade, vendendo amendoim
torrado, comento sobras dos restaurantes,
pedindo esmola para qualquer passante – dá pena ver
o índio Josias bêbado, escornado nas calçadas sujas.

As poucas mulheres que consegue – de igual condição
– nenhuma tem mais a linhagem indígena e simples:
roubam as poucas economias que o índio Josias consegue fazer
– e simplesmente carregam o velho
corpo do índio com sífilis, cancro, gonorréia e tais.
Quem vê o índio Josias atirado na lama das ruas
asfaltadas, nos dias de chuva, coberto de trapos,
com um surrado cobertor a lhe proteger do frio
– não sabe que um dia sua herança e destino foi ser
chefe de um povo, da Grande Nação Kunharã.

Dá pena ver o índio Josias na reportagem da TV.

2 – LEMBRANÇAS DA TRIBO

Dá pena ver o Chefe Kuxarranãe embriagado pelas
fazendinhas do interior. E pensar que ele já dirigiu
numeroso grupo de guerreiros, antes que as estradas
fossem rasgadas na mata virgem.

Antes das fazendas grandes chegarem, antes dos
tratores e das máquinas agrícolas chegarem,
antes da cachaça e do uísque chegar, antes da diamba
e da cocaína chegar, antes dos garimpeiros chegarem,
antes do dinheiro chegar – antes das meninas se
oferecerem na beira da estrada.

Dá pena ver o Chefe Kuxarranãe vendendo as filhas,
virgens, com suas vergonhas lisas, a quem mais
oferecer dinheiro e mais bebida, a quem der mais

ilusão e sonho – perdido nos cemitérios das matas –
a quem oferecer mais céus, mais perdão para
os pecados que chegaram com os padres, indigenistas,
missionários da palavra do Deus não deles.

Antes dos brancos de chimarrão chegarem,
antes da moto-serra chegar, antes do Deus único
e onipresente chegar, antes da *água-que-pega-fogo*
chegar, antes da gonorréia e da sífilis chegar.
Dá pena ver o Chefe Kuxarranãe...0

... E DO DIA ESQUECIDO

Hoje ao amanhecer as ruas estavam desertas.
Nenhuma voz, nenhum choro de criança,
se ouviu varar a manhã.
Deserta e silenciosa estava a cidade.
Os vendedores, surgidos da madrugada,
não proclamavam os produtos, nem o jornaleiro
gritou a manchete anunciando catástrofes,
nem o leiteiro deixou nas portas o litro de leite.
Não recendeu o aroma do pão quente na padaria da esquina.
Os endereços eram só ruas e números, praças e placas.
Deserta e muda está a Terra, soturno e calado está o Mundo.
Nem os pássaros engaiolados soltaram o canto
(as espécies de pássaros *de gaiola*, geração a geração
modificaram o canto, adaptando-o à nova situação
genética: como a liberdade nunca vem, os trinados
emitidos na prisão se transformam em lamento
espiritual – alguém ouviu um lamento vibrando no ar?)
Nem mesmo o cão vadio apareceu para cavoucar
as latas, depósitos de bares e restaurantes em busca
de comida – não se ouviu um grunhido sequer.
A cidade está muda e morta.
Quem matou o mundo, a cidade, o homem, a mulher?
Quem matou os passarinhos, os cães, os gatos?
Talvez a antiga religião, aquela que nos obrigou
a criar e crer em vários deuses; ou outra qualquer,
que provou existir um só Deus; ou alguma,
que nos ensinou a ter apenas a verdade absoluta.
E quando a realidade demonstrar os vários deuses
que somos, as milhões de infinitas verdades?
Talvez a religião do hoje, cibernética e nua,
que trocou o homem pela máquina, o cérebro
pelo processador e, sucessivamente, isolou
– como a um vírus do mal – o vírus do amor.
Talvez o guerrilheiro antigo, montado nos tanques
de aço, nos canhões, nas bombas devastadoras,
que arrasam terras, poluem os ares e os mares,
maculam o Universo, a Estrela que vaga pelo cosmos.
Porque uma coisa é certa: foi o guerreiro moderno
que matou o Mundo, destruiu a Mente, modificou
o Universo, com incessantes bombardeios de imposição
de privilégios, de produtos, de comércios, de leis,
de impostos, de regulamentos, de regras sociais,
de números e sistemas que controlam todos os nossos
movimentos, de cárceres sem saída.
Descendem os guerreiros do próprio homem ou os
homens descendem dos guerreiros?

Descendem os guerrilheiros do próprio Deus ou os homens descendem dos deuses?

A opção é triste, logo a opção não existe: enquanto a cabeça não explodir em milhões de fragmentos, enquanto a lavagem cerebral se impor, mister é buscar uma saída, uma porta pela qual partiremos – guerrilheiros outra vez – para a salvação eterna.

Quem destruiu o Mundo e sufocou o Amor e desesperançou a esperança, abriu finalmente o túmulo para a Humanidade toda, afastou definitivamente o Homem do eterno e seu destino de paz.

DITIRAMBO DE MARISA & GERALDO ALVERGA

*Essa menina, me diga:
por que tanta aflição?
“É que a vida me intriga,
com muita dor sem razão.”*

*Essa menina, não deve
viver com esse amargor.
“Vivo como quem escreve
páginas de suprema dor.”*

*Além da morte é mistério,
ninguém sabe o segredo.
“Não é um deserto estéril
quem fita a vida sem medo.”*

*Essa menina, me fale,
que te faz tanto sofrer?
“Nada há que me abale,
mas foi meu filho morrer...”*

*Essa menina, enfrentou
da morte o seu tentáculo?
“A vida é circo, é show,
não pode parar o espetáculo.”*

*Quem ama não desespera,
assim nos diz o Senhor.
“Sou uma mãe que só quer a
presença do seu cantor.”*

*Essa menina, mas veja,
é santo o segredo de Deus.
“Pois que ele o proteja
– há um poeta nos céus.”*

*Essa menina, porém, sorria,
morrer é feito ser feliz.
“Sabe lá o que Ele queria,
quando levou meu petiz?”*

*Talvez falte um guerreiro
para os pobres defender.
“Das lutas é forasteiro,
na guerra só ia sofrer.”*

*Essa menina, tem jeito
com esse modo de falar!
"Eis o meu único defeito:
o meu poeta cantar..."*

*Essa menina, recolhe
de uma vez o teu pranto.
"Por mais que a face molhe,
jamais esqueço o seu canto."*

*Talvez falte um cantor
lá no céu pra protestar.
"Mas logo meu grande amor
Deus escolheu pra cantar?"*

*Essa menina admiro
a força do teu lutar.
"É a luta que prefiro:
meu poeta relembrar."*

*Essa menina eu quero,
solene beijar tua face.
"Um outro amor espero,
pra que meu penar passe."*

*Essa menina sabemos,
o quanto o cantar te vale.
"Pois em coro cantaremos,
até que a boca se cale..."*

*Marisa, essa menina,
teu grande amor eu aplaudo.
"O único amor que anima,
é do meu poeta Geraldo."*

ELEGIA DA PRESENÇA TUA

Não canso de agradecer ao mundo essa tua ubiqüidade, esse planar sem asas que te faz presente em perpétuo movimento e que jamais permite, mesmo no absoluto silêncio do espaço cósmico, que sejas esquecida.

Esse *vale de lágrimas* que vem com a felicidade e transborda dos olhos e vaza o coração e borra o sorriso trêmulo, o rímel dos cílios, desse *vale de lágrimas* tenho o sentimento, não canso de agradecer.

O teu lado avesso, autêntico e visível avesso, representa a transparência necessária para entrever a alma, deixar-se perceber forte, leve, frágil, líquido, crisálida à espera do instante propício do eterno partir, chegar, chegar, partir – chegar, chegar, partir.

Sem buscar pretextos para o *sim* e para o *não*, sem fechar as mãos, sem deter o coração, sem recusar o bailado da existência, sem negar a ciência da paixão, o teu lado avesso para o *sim* e para o *não*...

Notícia de enternecer o mais duro sentimento: chegar, despir o corpo, sentir o hálito do prazer, a razão de te gostar e ver o que se vê, quando a gente se vê, gente, que nasceu para se amar, sem buscar pretextos.

O telegráfico instante em que a alma espraia e descansa numa rede – todos os deveres mundanos mais inoportunos possíveis se transformam em guerra, mais que guerra: no existir esse telegráfico instante, notícia de enternecer em que a alma espraia.

Eis que somos a tribo, tribo inteira a caminhar, a caminhar pelo terreno ermo, terreno do viver em perigo e em perigo sentir a fé, a necessária fé que transporta e tão generosamente se entrega, posto que somos uma tribo, tribo inteira a caminhar.

Na espera do instante mais propício, que não chega mas que chega, que não chega e que chega, o patético estremecimento de deixar-se perceber em completo e frágil pecado, eis o que somos: a frágil tribo em pecado.

[24/10/1985]

O Autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

Publicados

Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

Inéditos

Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amarcanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel)

Outros

Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguaí), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet...

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi

20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil

Tel: +55 21 2201-2604

